

**GADAMER: HERMENÊUTICA EXISTENCIAL E SAÚDE | GADAMER:
EXISTENTIAL HERMENEUTICS AND HEALTH**

ALYSSON LEANDRO MASCARO

RESUMO | A filosofia, quando tratando de específicos objetos temáticos, como o direito e a saúde, permite uma melhor apreensão de seus posicionamentos e suas implicações. Hans-Georg Gadamer, conhecido pela sua filosofia da hermenêutica, é também um fundamental pensador da filosofia da saúde. A investigação sobre suas proposições acerca do caráter oculto da saúde e da arte de curar revela muito sobre o caminho existencial e seu peculiar impacto no quadro das filosofias contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE | Hans-Georg Gadamer. Hermenêutica existencial. Saúde.

ABSTRACT | *Philosophy, when dealing with specific thematic objects, such as law and health, allows a better understanding of their positions and their implications. Hans-Georg Gadamer, known for his philosophy of hermeneutics, is also a key thinker of the philosophy of health. Research into his propositions about the hidden character of health and the art of healing reveals much about the existential path and its peculiar impact on contemporary philosophies.*

KEYWORDS | *Hans-Georg Gadamer. Existential Hermeneutics. Health.*

1. DOS PARALELOS DE UMA FILOSOFIA DO DIREITO COM UMA FILOSOFIA DA SAÚDE

No grande palco teórico do século XX, a filosofia no contexto da República de Weimar é, via de regra, acusada de ter sido a responsável de fundo pela ascensão do nazismo. A clássica acusação de Georg Lukács em *O assalto à razão* (1968) faz remontar o movimento reacionário alemão a filosofias como a de Nietzsche, inscrevendo personagens como Martin Heidegger em um plano central no que tange às causas do nazismo. As brumas da filosofia existencial heideggeriana, representando tanto um rechaço do liberalismo iluminista quanto das próprias lutas revolucionárias marxistas, são tomadas como o espaço excelente do reacionarismo. Se pelo plano da discussão dos caminhos filosóficos, do método, da epistemologia, tal debate encontra dificuldade em se pronunciar de modo definitivo – a polêmica sobre uma filosofia nazista de Heidegger estende-se até a atualidade –, no plano da concretude filosófica revelam-se de modo mais incisivo os impasses e, mesmo, os movimentos inesperados. Num tempo em que a política, a resistência e a revolução foram acusadas de doentias, a filosofia sobre a saúde é, então, um de seus mais importantes dados não trabalhados. Num mesmo tempo em que o direito era ou o reclame do correto moralmente – a natureza voltando a servir de pleito para a justiça – ou simplesmente a lei posta, porque o Estado já estava sob domínio reacionário, a mesma importância se revela para a filosofia do direito.

Proponho que as filosofias que tratam de objetos específicos guardam uma aderência à materialidade histórica e social maior que aquelas dos temas mais amplos e abertos – cuja generalidade é mais tradicional, identificando mais tipicamente o saber filosófico. A filosofia do direito, tratando específica e diretamente das formas da juridicidade, expõe os nós, as insuficiências e mesmo os paralelismos inesperados de muitas filosofias que, por mais opostas, resumem-se juridicamente a fundamentos como o respeito ao direito posto e às instituições. De um lado, percebe-se o quanto leituras ditas progressistas, calcadas no pleito por mais direitos, e que encontraram em Jürgen Habermas um grande defensor filosófico nas últimas décadas, acabam por ser bastante

distantes daquelas do marxismo, como as de Evguiéni Pachukanis. Para o campo do direito, as leituras filosóficas marxistas não são o extremo de mais direitos, mas, sim, a luta pela superação da própria forma de subjetividade jurídica. Assim também quando se percebe que, no campo jurídico, leituras tradicionalmente conservadoras – e por alguns acusadas de reacionárias – como as de Hans-Georg Gadamer, rechaçando o juspositivismo, guardam mais potencial crítico e mais fundo de proximidade com o marxismo do que boa parte do institucionalismo juspositivista liberal-progressista.

Se a incorporação de Gadamer à filosofia do direito contemporânea foi se dando lentamente desde a publicação, nos meados do século XX, de seu clássico *Verdade e método* (2014), hoje já se tem assentado o campo gadamerano como um dos mais originais no que tange à compreensão da natureza da hermenêutica jurídica. Minha proposição, em *Filosofia do direito* (2019, p. 271-278), de três caminhos da filosofia do direito contemporânea, tem em Gadamer um dos elementos centrais de uma das três chaves jusfilosóficas de nosso tempo, a dos *não-juspositivismos*, num elenco que tem nos *juspositivismos* sua matriz recorrente e na crítica, de matriz marxista, seu mais alto caminho de análise jurídica. Ombreando-se com a filosofia existencial de Martin Heidegger, com o decisionismo de Carl Schmitt e, mesmo, com a arqueologia do saber e a genealogia do poder de Michel Foucault, o pensamento de Gadamer aponta para a percepção do direito a partir das chaves do poder: compreensão e decisão são afirmações de possibilidades em ato, atravessadas por preconceitos que formam e informam situações existenciais.

Peculiarmente, uma bastante relevante da filosofia gadamerana se dá em outro campo aplicado, o da saúde. Tal materialidade, que se indaga sobre concretudes como a da vida, a da saúde, a da doença e a do doente, guarda tantas especificidades quanto aquelas do direito – pensando-se, aqui, na fenomenologia do ato e do negócio jurídico, da decisão judicial, dos autos, das provas e dos processos. Seus insígnies e particulares assuntos revelam, no entanto, que o mesmo caminho filosófico pode ser trilhado para escopos tão distintos – permitindo ver, ao cabo, uma similitude muitas vezes ignorada ou inexplorada.

Direito e saúde, em extremos materiais ou situacionais, permitirão desvendar os talhes, os potenciais, os limites e as contradições nos caminhos filosóficos de Hans-Georg Gadamer. Se já se assenta que o direito no pensamento gadamerano é tomado como pré-compreensão existencial, é necessário investigar o mesmo também para o campo da saúde. Proponho que também se pense a filosofia da saúde contemporânea a partir de três caminhos, *tecnicista, não-tecnicista e crítica*, sendo Gadamer, nesse contexto, pensador fulcral da filosofia da saúde não-tecnicista.

2. SOBRE AS FILOSOFIAS DA SAÚDE NÃO-TECNICISTAS

Leituras filosóficas não-tecnicistas da saúde, de modo oposto àquele do assentado campo da cientificidade contemporânea, foram desenvolvidas por pensadores como Karl Jaspers, já numa chave existencial, e cuja formação como médico trazia perspectivas internas e diretas sobre os temas de tal investigação¹. Para Jaspers, o evento-limite existencial, a morte, revela-se como angústia que se encontra para além da medicina e das profissões da saúde, sendo, então, do campo da filosofia². O pensamento de Jaspers sobre vida, morte e medicina se firma como uma plena filosofia da saúde não-tecnicista. Será com Hans-Georg Gadamer que tal campo o mais importante acoplamento do tema da saúde com um vigoroso manejo filosófico, o que permite aí encontrar uma incontornável matriz da filosofia da saúde contemporânea.

¹ Jaspers orienta sua reflexão filosófica para uma crítica da técnica na medicina contemporânea: “Primeiro: As consequências sociológicas da época técnica atuam, através das organizações de essência médica, sobre a profissão médica, até à ameaça da própria ideia de médico. Segundo: A medicina científico-natural tem a tendência para se submeter ao exato, em vez de o utilizar, para deixar que o pesquisador subjugu o médico. Terceiro: Dado que a ação médica não acaba na fronteira das possibilidades científico-naturais, o médico encontra-se nela perplexo, atirado para a descrença e a desorientação de muitos homens modernos e da situação pública em geral” (JASPERS, 1998, p. 41).

² “O processo natural de agonia pode desenrolar-se sem sofrimento; há mortes instantâneas. Em tais casos, não há tempo de o fenómeno atingir a consciência. Pode passar despercebido por coincidir com astenia ou com o sono. A medicina tem meios de reduzir os tormentos gerados por doenças fatais. Embora a agonia seja uma realidade psicofísica, é possível que a biologia e a farmacologia venham, de futuro, a permitir que, em todos os casos, a morte se desacompanhe de sofrimento. Inteiramente diversa é a agonia diante da morte quando esta é concebida como estado que sucede à desapareção da vida. Nenhum médico nos pode livrar dessa angústia; só o pode a filosofia” (JASPERS, 1998, p. 128).

Gadamer é responsável por um insigne contraponto em relação aos caminhos liberais, institucionais, formais e técnicos da filosofia no século XX. Ecoando o pensamento de Martin Heidegger, de quem foi aluno, Gadamer também problematiza, como seu mestre, o papel da técnica e da ciência na contemporaneidade. Heidegger já apontava, em textos como o da conferência “A questão da técnica”, da década de 1950, o problema da instrumentalidade, da dominação, da manipulação³. A ciência e a técnica, de modo quantitativo, matemático, mediante operações de extração de energias da natureza, põem o mundo à disposição do manejo, para fins utilitários. Para Heidegger, aí reside uma questão central do ocultamento do ser. A técnica não se ocupa da verdade existencial e, portanto, impõe a todos e a tudo um caráter inautêntico. Ao contrário da arte e do fazer prudencial, cuja autenticidade se dá pela originalidade, a técnica é utensiliária, repetível, banal (MASCARO, 2019, p. 326-345).

Heidegger e Gadamer veem a própria filosofia contemporânea eivada dos problemas científicos e técnicos. Injunções hodiernas buscam estabelecer a verdade como dedução, como métrica, como idealismo de matematização dos comportamentos e dos fatos. Contra isso, no entanto, a filosofia é uma compreensão filosófica, um apreender-com, em situação. O fundamental da verdade é o processo hermenêutico de sua apreensão. Tal hermenêutica – dirá Gadamer no seu mais importante tratado, *Verdade e método* – é situacional, partindo dos preconceitos e das trilhas percorridas existencialmente. Não há uma verdade imposta como idealidade desprovida de vida. Então, daí, a técnica é um mascaramento da verdade existencial (MASCARO, 2019, p. 345-357).

³ “Permanece, portanto, correto: também a técnica moderna é meio para um fim. É por isso que a concepção instrumental da técnica guia todo esforço para colocar o homem num relacionamento direto com a técnica. Tudo depende de se manipular a técnica, enquanto meio e instrumento, da maneira devida. Pretende-se, como se costuma dizer, ‘manusear com espírito a técnica’. Pretende-se dominar a técnica. Este querer dominar torna-se tanto mais urgente quanto mais a técnica ameaça escapar ao controle do homem” (HEIDEGGER, 2002, p. 12).

3. O CARÁTER OCULTO DA SAÚDE. A ARTE DE CURAR

Hans-Georg Gadamer ocupou-se das questões filosóficas da saúde e da medicina de modo pontual, em vários textos, conferências e estudos. A reunião de alguns deles em livro, no Brasil, toma o título *O caráter oculto da saúde*. No pensamento de Gadamer, a medicina é compreendida necessariamente como uma arte, mas sua qualidade é distinta daquela de um artesão, que, se confrontado por um leigo no assunto, pode se defender dizendo que o modo pelo qual procedeu é típico e necessário de seu afazer. Quanto à medicina e às questões da saúde, não basta uma ação médica de acordo com a sua capacidade. O objeto da saúde não se esgota num proceder com a perícia de um artesão. Isto porque a saúde não é apenas um dado biológico bruto nem, tampouco, um parâmetro que se alcance totalmente pelas mãos de médicos. Ela está aninhada no paciente, no seu modo de vida, nas suas pretensões, anseios e expectativas. Há, portanto, no problema da saúde, um alto grau de envolvimento existencial. A saúde, dirá Gadamer, “é também um fato psicológico-moral” (GADAMER, 2002, p. 29).

A velha arte da medicina estava inexoravelmente ligada aos cuidados em face da situação psicológica e moral do paciente. Nesse contexto, o médico se apresentava como alguém próximo e amigo da família. Mas tal quadro da velha arte médica dá lugar, na contemporaneidade, à imparcialidade da técnica. Com isso, perdem-se as capacidades artesanais de apalpar o doente e de tomá-lo em consideração a partir de suas vivências e angústias, mas que, no entanto, são existencialmente incontornáveis⁴. A técnica enseja, da parte do

⁴ “Se a hermenêutica é constitutiva de toda a práxis humana e de seu conhecimento, em algumas situações práticas a experiência propriamente hermenêutica estará colocada em primeiro plano, será a razão mesmo de seu modo de ser. Trata-se das situações nas quais os princípios de compreensão-interpretação passam ao primeiro plano como a justificativa mesma daquela prática. A filologia, a teologia e o direito são exemplos clássicos. Esta última, especialmente, é aquela na qual Gadamer identifica a situação paradigmática do proceder hermenêutico. Mas, em outro trabalho seu, Gadamer também dedica uma série de ensaios à discussão da importância da hermenêutica em outra área de práticas: a saúde. Com efeito, o ato de *cuidar* envolve uma dimensão prática (moral, ética, política etc.) que requer a aplicação de um conjunto de saberes e juízos a situações particulares, requer a dialética da compreensão-interpretação-aplicação. Nesse sentido, por mais que uma consulta médica, por exemplo, esteja ‘colonizada’ pela lógica instrumental, por mais que os saberes tecnocientíficos estejam sendo levados a substituir outras esferas de racionalidade dos encontros terapêuticos, sempre há no ato assistencial, por mais restrita e pobremente trabalhada que esteja, uma inexorável dimensão hermenêutica, a necessidade de saber como determinados saberes gerais podem ser aplicados a um dado paciente concreto”. (AYRES, 2011, p. 151). Cf., ainda: AYRES, 2008, p. 36-40.

paciente, até mesmo outro nível de confiança para com o médico e a medicina. Os progressos tecnológicos avultam estabelecendo grandes expectativas. Mas, exatamente aí, o sujeito descentra-se de seu modo de vida, depositando na técnica um horizonte que pode não lhe ser apropriado nem melhor⁵.

Para Gadamer, a arte de curar não é pura e simplesmente uma produção de equilíbrio – o que seria uma postulação de um idealismo e de um tecnicismo alheios às condições existenciais –, mas, em se tratando do restabelecimento do equilíbrio, assim o será de um equilíbrio oscilante. A arte de curar deve dar conta das situações e suas variações. É daí que, em contraste, a ciência médica contemporânea, arraigada na técnica, afasta-se problemáticamente de uma velha arte de curar. Nos termos gadameranos, ecoando Martin Heidegger, está na essência da técnica – mecânica, racional, quantitativa, modificadora da natureza – esse estranhamento em face do equilíbrio oscilante da saúde, que é típico da prudência, do bom-senso, da arte, da prática.

Quando se relaciona essa experiência fundamental à situação da ciência moderna e da medicina científica, sobressai claramente como a problemática se intensifica. A ciência natural moderna não é, em primeira linha, ciência da natureza, no sentido de um todo que se autoequilibra. O que a fundamenta não é a experiência da vida, mas a experiência do fazer, não a experiência do equilíbrio, mas a da construção planejada. Para muito além da esfera de validade de ciência especial, ela é, conforme a sua essência, mecânica, *mechané*, quer dizer, uma produção engenhosa de efeitos que não aparecem por si mesmos. “Mecânica” designava, originalmente, a engenhosidade de uma invenção, a qual causava admiração geral. A ciência moderna, que proporciona a aplicação técnica, não se concebe como um preenchimento das lacunas da natureza e uma inserção no acontecimento natural, mas, precisamente, como um saber, no qual o fundamental é a modificação da natureza em um mundo humano através de uma construção predominantemente racional. Como ciência ela torna os processos naturais previsíveis e passíveis de serem dominados, de modo que, no final, ela é até mesmo capaz de *substituir* o natural pelo artificial. Isso faz parte de sua própria essência. Somente dessa maneira é possível a aplicação da matemática e dos métodos quantitativos à ciência natural, pois o seu saber é uma construção. Mas eis que a nossa reflexão exposta até aqui ensina que a situação da arte de curar permanece indissociavelmente ligada ao pressuposto do antigo conceito de natureza. Entre as ciências da natureza a medicina é aquela que nunca é entendida completamente como técnica, porque ela sempre experimenta o seu próprio ser-capaz-de-fazer apenas como a recuperação do natural. Por isso, dentro das ciências modernas ela representa uma unidade particular entre conhecimento teórico e saber prático, uma unidade que de modo algum se deixa interpretar como aplicação de ciência à

⁵ “Não apenas os pacientes passam a ser vistos em partes: os próprios profissionais são, devido ao modelo de ensino vigente nas escolas médicas, impelidos a se identificarem com alguma área e conduzir por ela sua vida profissional” (KETTNER, 2008, p. 70).

práxis. Ela representa um modo próprio de ciência prática, cujo entendimento conceitual desapareceu no pensamento moderno (GADAMER, 2006, p. 47-48).

Gadamer problematiza a arte de curar a partir de sua peculiar posição em face do que se chama contemporaneamente por “ciência”. Se a produção do médico, em vista da saúde, é o restabelecimento das condições do paciente, então a arte de curar não é simplesmente um produto realizado pelo artesão-médico. De tal arte não surge um artefato, um novo, mas, sim, restabelece-se a saúde do doente. Daí, a produção da arte de curar não é simplesmente a confecção de uma obra: é uma arte relacional, situacional, que se apresenta necessariamente em ligação com a natureza, de tal sorte que não se consegue determinar até que ponto a cura é obra do médico e de seu tratamento ou é obra da natureza.

Por conta de tal peculiaridade, dirá Gadamer, a arte de curar é necessariamente enigmática, de natureza distinta de outras artes:

Seguramente a medicina não é uma imitação da natureza. Com certeza, não deve surgir uma formação que seja artificial. O que deve resultar da arte médica é a saúde, quer dizer, o próprio natural. Isso fornece ao todo dessa arte a sua marca característica. Ela não é invenção e planejamento de algo novo que não exista dessa forma, cujo poder da produção apropriada é detido por alguém, mas trata-se, desde o princípio, de um tipo de fazer e efetuar, que não realiza nada de peculiar e nada que venha do peculiar. O saber e o ser-capaz-de-fazer da arte médica enquadram-se totalmente com o curso natural, na medida em que se procura o seu estabelecimento onde foi perturbado, de tal forma que a perturbação como que desaparece com o próprio equilíbrio natural. O médico não pode abdicar de sua obra, da forma como todo artista abdica da sua, como faz todo artesão e especialista, a saber, de tal forma que se possa, de algum modo, manter o trabalho como sendo sua obra. De fato, em toda a “techne” o produto é deixado para o uso de outros, mas trata-se sim de uma obra própria. A obra do médico, pelo contrário, exatamente por ser a saúde restabelecida, não é mais sua de modo algum, nunca o foi. A relação entre realizar e o realizado, fazer e o feito, esforço e êxito, é, nesse caso, de natureza fundamentalmente diversa, enigmática e posta em dúvida (GADAMER, 2006, p. 42-43).

Começa a se vislumbrar, então, o que Gadamer denominará de *caráter oculto da saúde*. Sua proposição filosófica é a de que a arte de curar distingue-se da medicina científica por conta de sua natureza de saber aplicado, enquanto qualquer ciência se assenta, contemporaneamente, como saber geral. Contrastando com a ciência, Gadamer aproxima tal modelo da arte de

curar, inclusive, à própria hermenêutica, que tem vistas à prática e à dinâmica dos fatos⁶ – e a cujo problema dedicou seu tratado *Verdade e método*.

A arte de curar, nos termos gadameranos, persiste numa zona oculta à técnica e à ciência, tomadas no sentido de saber genérico. Sua condição, própria à natureza, e sua relação com os recônditos de alma do paciente lhe dão tal caráter:

Voltamos a nos ocupar aqui com o fato de que o verdadeiro mistério está no aspecto oculto da saúde. Ela não se declara por si mesma. Claro que é possível estabelecer valores padrões para a saúde. Mas quando, por exemplo, se quisesse impor esses valores padrões a uma pessoa saudável, o que conseguiríamos seria, antes, deixá-la doente. Habita, pois, na essência da saúde manter-se dentro de suas próprias medidas. A saúde não permite que valores padrões, transferidos ao caso singular com base em experiências médias, se imponham, pois isto seria algo inadequado.

Utilizei propositalmente a expressão “inadequado” para tornar consciente que a aplicação de regras, com base em valores de medida, não é algo natural. As medições, seus padrões de medida e os procedimentos de medida servem-se de uma convenção, com a qual nos aproximamos das coisas e as submetemos à mensuração. Mas há também uma medida natural que as coisas carregam em si mesmas. Se não se pode medir verdadeiramente a saúde é por ela ser um estado da adequação interna e da conformidade com si próprio, que não pode ser superado por um outro controle. Por isso, faz sentido perguntar ao paciente se ele se sente doente. Tem-se a impressão que no ser-capaz-de-fazer do grande médico frequentemente concorrem fatores de sua mais secreta experiência de vida. Não é apenas o progresso científico da medicina clínica ou a infiltração de métodos químicos na biologia que faz o grande médico. Esses são progressos da pesquisa que possibilitam ampliar os limites do auxílio médico, perante os quais outrora se estava desamparado. Pertence à arte de curar, no entanto, não somente o combate efetivo contra a doença, mas também a reconvalescença e, por fim, o cuidado com a saúde (GADAMER, 2006, p. 113-114).

O oculto da saúde está, em Gadamer, numa espécie de contenção da consciência da vitalidade natural. A saúde não opera como uma preocupação constante com ela própria, cumprindo protocolos, enrijecendo-se para atender determinações. Não é saudável quem se oriente existencialmente para devotar-se a regramentos sobre a saúde. Então, a saúde se revela ao se

⁶ “O verdadeiro enigma da saúde é este: quando tudo já foi dito e feito, o médico não está totalmente em controle, e nem está jamais na posição de entender completamente a natureza da saúde, o corpo ou a cura. A verdadeira preocupação do profissional não é a natureza geral da saúde, mas sim a restauração do equilíbrio de uma situação única, determinada e individual, sob seus cuidados. Basicamente, a saúde não pode ser explicada totalmente a partir dos domínios da província do mundo científico. (...) Para o médico, mais fundamental que o entendimento geral científico é a gama de preocupações éticas relacionadas com o cuidado que o profissional demonstra em relação ao paciente, e o cuidado que os pacientes exercem em si mesmos. O diálogo, uma característica central do entendimento, detalhado em *Verdade e método*, está no âmago do relacionamento médico/paciente” (LAWN, 2011, p. 151-152).

ocultar, quando dela não se lembra, quando se consegue autoesquecer-se. Mesmo assim, as situações onde se arraigam tal negatividade do oculto da saúde revelam, também, algum positivo e claro da saúde. “Apesar de toda a ocultação, ela se revela num tipo de bem-estar e, ainda mais, quando nos mostramos dispostos a empreendimentos, abertos ao conhecimento e podemos nos autoesquecer, bem como quando quase não sentimos mesmo fadigas e esforços – isso é saúde” (GADAMER, 2006, p. 118).

Fundada numa perspectiva existencial, a filosofia da saúde de Hans-Georg Gadamer é, de algum modo, a proposição de uma sapiência artesanal que faz com que a arte de curar seja um labor de resgate de uma situação existencial de plenitude. O amplo caminho da filosofia da saúde não-tecnicista, tendo em Gadamer seu principal expoente por uma chave hermenêutica-existencial, encontrará no entanto seu apogeu em outra chave, de Georges Canguilhem e de Michel Foucault. Eventualmente, pôde-se ver até algum emparelhamento pontual entre os pensamentos gadamerano e foucaultiano sobre a questão da saúde⁷. De outro lado, em termos de extrações teóricas críticas, é a chave não-tecnicista de Canguilhem e Foucault, mais que a de Gadamer, que permitirá uma mais proveitosa aproximação ulterior com o caminho filosófico do marxismo.

REFERÊNCIAS

AYRES, José Ricardo C. M. **Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde**. Rio de Janeiro: Cepesc/IMS, 2011.

AYRES, José Ricardo C. M. **Sobre o risco: para compreender a epidemiologia**. São Paulo: Hucitec, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 2006.

⁷ “Durante muitos anos, este recente trabalho de Gadamer tem refletido os escritos de Michel Foucault, compartilhando as preocupações comuns. A análise de Foucault sobre a politização e o controle legal-médico do corpo nas estruturas do conhecimento/poder da Modernidade (comentado em seus trabalhos, O nascimento da clínica e Disciplina e punição [Vigiar e punir]) coincidem com Gadamer. Entretanto, a rota de Gadamer não é a genealogia de Foucault do bizarro e marginal. Ele não trabalha no nível de discursos de poder com suas implícitas ‘hermenêuticas da suspeita’, mas sim num nível mais crédulo e caridoso, que muitos diriam ingênuo, da historicidade da linguagem diária. Através destes trabalhos e, especialmente, no “Sobre o caráter enigmático [oculto] da saúde”, Gadamer é incessantemente vigilante quanto às nuances abandonadas e esquecidas do significado em suas reflexões sobre a linguagem da saúde, da doença e da prática médica” (LAWN, 2011, p. 152-153).

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2014.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Cultrix, 1998.

JASPERS, Karl. **O médico na era da técnica**. Lisboa: Edições 70, 1998.

KETTNER, Joanine Girardi. “Gadamer e o caráter oculto da saúde”. In: DARÓS, R. C.; ANDRIOLI, L. A.; JUNG, T. I. (orgs.). **Linguagem, educação e cidadania**. Ijuí: Unijuí, 2008.

LAWN, Chris. **Compreender Gadamer**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LUKÁCS, Georg. **El asalto a la razon: La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler**. Barcelona: Grijalbo, 1968.

MASCARO, Alysson Leandro. **Filosofia do direito**. 7 ed. São Paulo: GEN-Atlas, 2019.

Autor convidado | *Invited author*

SOBRE O AUTOR | *ABOUT THE AUTHOR*

ALYSSON LEANDRO MASCARO

Livre-Docente e Doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (Largo São Francisco). Professor Associado do mesmo Departamento onde leciona nos cursos de graduação e pós-graduação em direito. Membro do Grupo de Trabalho CLACSO (2019-2022) *Crítica jurídica y conflictos sociopolíticos*. E-mail: alysson@mascaro.adv.br.